



*atirar para o torto*



*margarida vale de gato*

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
PEDRO MEXIA

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
M M X X I

OBRA ESCRITA AO ABRIGO DE UMA BOLSA DE CRIAÇÃO  
LITERÁRIA DO MINISTÉRIO DA CULTURA/DGLAB.

© 2021, Margarida Vale de Gato e  
Edições Tinta-da-china, Lda.  
Palacete da Quinta dos Ulmeiros  
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10  
1750-149 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *Atirar para o Torto*  
Autor: Margarida Vale de Gato  
Coordenador da colecção: Pedro Mexia  
Revisão: Madalena Alfaia  
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Maio de 2021

ISBN 978-989-671-614-1  
DEPÓSITO LEGAL N.º: 483617/21

*Senhor: é tempo. O Verão foi muito demorado.  
Lança a tua sombra sobre os relógios de sol,  
e solta ventos sobre os campos lavrados.*

*Faz arredondar os frutos temporãos;  
dá-lhes inda um par de dias meridionais,  
leva-os à sua perfeição e espreme  
o final doce e negro do vinho da estação.*

*Quem agora não tem casa, já nenhuma construirá.  
Quem agora está só, vai continuar carente,  
vai velar, ler, escrever cartas extensas  
e vai cirandar aqui, ali, nas alamedas  
sem pouso, entre trémulas folhas densas.*

RAINER MARIA RILKE, «Dia de Outono»  
(reconduzido, com hesitações, a incerta rima)

Olá, não é para todos isto  
de ser selvagem com o volume  
da bagagem ocidental;  
no clímax da meia-idade  
é previsível já a quase-  
-invariável rotina: i)  
achar que não é para mim; ii)  
aquiescer, eu, treinada  
em variações de bardo (Deus,  
faz com que eu nunca seja  
uma poeta ressabiada)  
na recondução ao redil; iii)  
aceitar semi-lerda a classe  
de trânsfuga descoberta; iv)  
fingir que sou estrangeira  
e não me altera esta bodega.

I.

DESAMPARAR A QUEDA

## MENOPAUSA

Ando a tentar que o verão não morra  
me dê calor mais do que afrontamento  
me dê mais sumo do que mosto finto  
e o sal na flor da pele não sorva ao corpo

o choro; que seja mar com luzentes  
panos e seja ainda franco o espaço  
da cabeça em espuma; que a folha estale  
e não se suste em brancas reticentes

não caia sem palavra crespo nervo  
só esqueleto, boca avara, azedume  
e a vasta aridez de medo pelas

notícias. Restem-me balas e velas  
onde o sangue seca e me conserve  
velha a acicatar no lume os répteis.

## REVOLTA NA BOUNTY

*para o António*

Aos poetas com chave d'oiro  
ou final de rosca —  
decapitemo-los, corsários!  
olho em prumo e dedo em gancho  
os raposos velhos  
divertem-nos do rumo  
com a sua bandeja-surpresa.  
Não queremos espelhos  
espreguiçados palcos de talento  
redondos da beleza  
senão o arco  
Não queremos o porto  
ilusório, abrigado, contornando  
circular o pasmo  
senão o barco:

a noite em cima o vento à frente o rizo na vela  
a vaga raspando o branco lumaréu a vir à boca  
travo a sal pique a mar ao céu e se abate nunca  
se acaba por mais que seja menos satisfatório

## FACULDADE DE LETRAS

*para a Diana*

Repousa rude o carrinho de mão e enferruja  
votado ao desemprego por especializadas ferramentas.  
Chegámos há eras cheias de virtudes e certa  
arrogância o lápis em riste, sublinhando capa

a capa, enquanto crescia sem esquemas a amizade —  
como o dilúvio das raízes da velha árvore  
no jardim da frente a ameaçar a estrutura, vício  
bem-vindo que foi cortado. Mas não nos desligámos

de toda a plaina de luz de William Carlos Williams —  
ressalvas, amiga, e releva-se o excel das proezas  
académicas contra um alto ruído de avião por cima.  
Nem ainda desligámos a poesia da cadeia elementar

das coisas que dependem, o avião por exemplo  
de outros argonautas, os nossos agudos ouvidos  
de resistir neste afetado ministério, cuja lição  
insistimos em recantar e até hoje não decorámos.

## VAI VAGÃO

como dizer aquilo que atrai e finca à linha férrea  
onde a dúvida não cobra onde me desassoreio  
onde sou fera sem labirinto e reta é

tão lânguido o embalo

do total isolamento com vista para os lados  
do tempo infinito com entrada para o interior  
o fôlego mais que o sufoco o ir mais do que vir  
o cruzamento ignorado o destino levemente  
apenas pressuposto, tão repleto o transbordo  
da janela o olhar em roda sempre paralelo  
e vertical à terra

tão incessante

motivo de espanto é que não caiam das nuvens

novelos de herbívoros

nem o resto que é levantado levado

torcido e lavado nos lilases da manhã

recém-cosida, líquida, tão esquisito o trabalho

a escada onde se alça

a mulher varejando a oliveira, rio a seguir a videiras

no outono beirão, tão andaluz o vapor

desta hora neste vidro do vagão, tão espaçado o pavor

que tremendo

se entorpece, as cores do céu homéricas

de onde o mundo veio, rude vagir da matéria

quando bebé, tão inicial o som, carril  
do mundo que range na pauta por fixar

o ruído mais indígena inventa a música  
quando se parte (o ir mais do que vir) cheio de férias  
e fermento

abundantes encostas de trevo musgo vertigens  
impossíveis choupos, depois arados campos e  
tudo quanto faísca, consigo, cantiga, grite também  
tão santo o pinheiro louro, suas ávidas  
agulhas

esta fartura, tão ebuliente o segredo, ferve tal  
como laranjeiras com o milagre do sol por trás  
(os fabricantes de lápis imaginariam  
aparas de carvão para traçar no papel  
o trejeito do pasmo, mas toda a arte retratista é  
tão curta para reter a luz)

deslumbram os sentidos

silhuetas ainda frescas desta hora como ardósias  
e o tão monstruoso grande furta-fogo  
que envolve tudo filtra as cruciantes cores  
e merecem fervores não regateados, prenhes

de absoluto

tão breve afinal o túnel em que se atravessa  
a verdade, passa

tão tangível que já foste, claro

Divino

por quem a treliça do mundo se colocou  
em marcha, pequenas fagulhas pulsam no rio



ainda forjam uma visão, mas as aves grandes  
nos penedos dificilmente se deslumbram  
com os utensílios que restam na linguagem  
tão vazia e tão pouco o necessário  
para realmente uma longa viagem

vale

que lépida que transparente que tão azul  
passa a ponte sobre patins e cava ainda  
um declive, um subsídio à litania, ao consumido  
carrossel  
tão saturado, à poesia com o vinco tão lindo  
da sua tristeza, raio  
baixo, abrando, rio  
a  
brindo

*Intercidades Lisboa — Vila Velha de Ródão,  
24 de novembro de 2018 e 26 de julho de 2020*

ECLIPSE LUNAR DE  
27 DE JULHO DE 2018

Esta galáxia cedo será brasa  
nossa terra faúlhas — penso isto  
no enlevo da estrada, amortecida  
a bater na cabeça as palavras  
sobre o cone deste planeta — ó  
berlinde abafador duma só íris  
a galar o ovo da lua, íngreme  
coalho, vermelho pisado  
vou  
quando chegar fechar-me fora, chave  
dentro, dormir com bichos no relento  
e uma garrafa só — hei de quebrá-la  
pelo gargalo para reparar  
de rubi na boca e anestesia  
o bluff de mais um apocalipse

## ÍNDICE

Olá	7
I. Desamparar a Queda	
Menopausa	11
Revolta na Bounty	12
Faculdade de Letras	13
Vai vagão	14
Eclipse lunar de 27 de julho de 2018	17
Amantes	18
A ver se desta acabo teu prazer	20
Páscoa	21
Sophia de Mello Breyner Andresen	24
Vencível Armada	25
Por favor	27
Feira da Ladra	28
Outono em Washington DC	31
Além_Tejo	33
A história foi enormemente exagerada	34
Vala	39
II. Conflito de Princípios	
Elegia	43
Encalhe	50
Termas e cabaré	51
Nas traseiras da cidade ocupada	53
A criada lá de cima	56
Isaura e a kryptonite	57
Idealismo radical	61
Corredor	63

Léo e Luiza	64
Baby blues	65
Traseiras	66
Ao cuidado da jovem poeta	67

### III. Este Jogo Já Não Funciona

Carta ao acérrimo poeta	71
Atirar para o torto	73
De se fazer para que tudo arda	75
Bater na madeira	76
Perséfone	78
Filhas do clima	79
Melides	81
Mediterrâneo	83
Gótico americano	85
Fachada	86
Balada de núpcias	87
Menopausa (II)	89
Vírus e virgens	90
Chamar puta durante	93
Seja um agente de saúde pública	95
#staythefuckhome	96
Katerina Gógou	97
Circundando o cabo prodigioso onde	98
A escada do mal	100

### IV. Voltas À Terra

Urtiga	105
Compagnon de route	106
Nova estação	108
Jasmim	109

Metade da vida	110
Perdão	112
Correspondências	113
Fábula de Rui Costa	115
Explicação do lançamento anterior	116
Torta	117
Torre da canção	118
Chave universal	119
Contra	120
Maior idade	121



*atirar para o torto*

de Margarida Vale de Gato  
foi impresso na Rainho & Neves,  
em papel CoralBook de 90 g, em Maio de 2021.

